

Lanternas

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

PUBLICA-SE AOS SABADOS
Redação e administração: Largo da Sé n. 5 (Sob.)
Número avulso: Da semana, \$100; atrasado, \$200
A inserção de anúncios na 4.ª página é feita mediante preços convenientes

ENDEREÇO PARA A CORRESPONDÊNCIA:
CAIXA POSTAL N. 195 — S. PAULO (BRASIL)
ENDEREÇO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:
ANO, PARA TODO O BRASIL, 10\$000 | SEMESTRE, IDEM, . . . 6\$000
PARA O ESTRANGEIRO, ANO . . . 15\$000
O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

PAGINAS DE ACTUALIDADE

A Igreja e o Proletariado

De vez em quando os diários clericais asseveram que os católicos tem sido e são os propulsores das reformas favoráveis ao proletariado. Escrevem-nos com r de seriedade, sem irony, demonstrando spartana coragem, porque é preciso coragem para fazer semelhante afirmação, sabendo todo mundo que o sacerdotes, oficiando nas capelas dos despotas e dos ricos, sempre recomendou resignação aos tiranizados e aos pobres. Ninguém ignora que a Santa Mãre Igreja não só permaneceu insensível ás lutas em prol dos oprimidos, mas que também manteve a escravidão, só tendo esta desaparecido mercê dos esforços dos liberais, dos heréticos, dos condenados...

A história da submissão dos povos é a história do predomínio religioso. Os reis de direito divino e os senhores feudais, donos das vidas e das fazendas, tiveram a seu lado a Igreja e o clero. Assim Frederico Engel recordou que o grande centro internacional do feudalismo foi a Igreja Católica-Romana; acrescentando o fiel e sábio companheiro de Carlos Marx que, para que o feudalismo pudesse ter sido esmagado, foi indispensável a destruição daquele núcleo central.

Na Idade Média, entre os senhores de barão e cunho figuravam arcebispos, bispos e abades. Nunca nos concílios, se interessaram pelos produtores e, ao contrario, entoavam-se las aos potentados da terra. Agora, a Igreja Romana, como as outras igrejas constituiu-se em buluarie do passado, dificultando as vitórias do presente. Em Buenos Aires, observou-se — e La Vanguardia fê-lo ressaltar — que os israelitas, naturalizados por um de seus mais populares caudilhos, o comendador Nación, se tornaram em eleitores dos deputados católicos pontenhos que consagraram a Figueiroa Alcorta e que só eram enfrentados pelos deputados socialistas. Falando da «ente judaico-catolica» e de todas as «entes religiosas» escreveu então o aludido diário: «Já Marx afirmava que a alta Igreja de Inglaterra perdoa mais facilmente o ataque a 38 de seus 39 artigos de fé que a 1/38 de seus rendimentos».

Nos modernos tempos, a Igreja principiou atacando o movimento emancipador. Quiz logo aproveitar-se dele e ainda hoje o deseja, no contemplar o espetáculo imponente das federações proletárias e ao notar que os partidos políticos incluem em seus programas muitas aspirações das classes trabalhadoras. Daí a formação de círculos, de caixas mais ou menos usurárias — denominações de mil modos — e daí que os órgãos do clericalismo se atrevam a fazer afirmações inexactas com o desenfado que caracteriza ao pregador que do pulpito narra qualquer milagre inverossímil e, afim de seus ouvintes o acreditem, exclama com voz trovejante: «Eu o vi, meus amados irmãos!».

Mas a humanidade recebe a evolução clerical a título de inventário. Reconhece nela a

mudança de tática da Igreja, que intenta adaptar-se ao meio quanto lhe é possível para fazer desvanecer a recordação de seus largos séculos de domínio, de crueldade, de avareza, de guerras e de estabelecimento de categorias com títulos e privilégios. Tem ante os seus olhos os pontífices e sacerdotes que trocam a pobreza em opulência e a castidade — no dizer das próprias autoridades eclesiásticas — em fonte fecunda de impurezas.

Foi Leão XIII, o primeiro dos papas que proclamou que se por sociedade se entendem as tentativas feitas para melhorar dum modo progressivo, prudente e racional a situação das classes desgraçadas; se aplica essa palavra a todos os esforços realizados para obter mais justiça social no governo dos homens, não se pode procurar um mais nobre fim. Foi Leão XIII o primeiro dos papas que sustentou que tratar a questão social com a consciência das graves responsabilidades que pesam sobre todos os que tem riqueza e autoridade é continuar a obra do «Divino Mestre».

Mas as declarações de Leão XIII, que se pretende falsamente passarem por uma iniciativa de «sua santidade» não eram no fundo outra coisa, segundo a frase de Alfredo Calderón, senão uma chamada a prevenir os excessos cometidos por um zelo ultramontano pouco discreto. Além disso, é sabido que a incúria do citado papa, sobre a questão social, poderia ser substituída — a meios — por Bastiat e Lassalle.

Perdem, pois, lamentavelmente seus editoriais — os diários eclesiásticos — ao asseverar que os católicos tem sido os propulsores do movimento benéfico para a classe proletária. Eles, na verdade, limitaram-se a pregar aos pobres a paciência e aos ricos a caridade e os pobres causaram-se de per pacientes, escreve Calderón, antes de que os ricos se tenham decidido a ser caritativos. De maneira que, agora, ainda que certas arengas chagassem a enternecer o coração dos opulentos místicos, nunca os desceados se resignariam a receber mais ou menos esmolas, quando o que reclamam é justiça.

Buenos Aires, 1915.

Adolfo Vazquez-Gómez.

BIBLIA VERMELHA

«Não pode haver outro mundo sendo a Terra. Se outro pudesse existir, seria absolutamente necessário admitir outros anjos além do infinito, o que parece contrário á verdade e á revelação».

S. TOMAZ D'AQUINO.

Santo Agostinho declara formalmente incompatível com as bases da fé a crença na existência dos antepassados. O mesmo pensam os principais astrónomos modernos, julgando a existência de outros mundos, segundo a astronomia e da geografia operada a partir do sétimo século antes de Jesus Cristo, para retonar a tradição hebraica e homérica da Terra chata e rodeada pelo Oceano. Fez-se da Terra um paralelogramo por cima do qual se elevava o céu como uma tenda.

Henrique Martin.

As teologias, como qualquer outro edifício, não podem ser construídas sobre o vazio; tomaram por base o antigo sistema do mundo, que supunha a Terra imóvel no centro. A astronomia moderna, mostrando a verdade da situação antiga, mostra ao mesmo tempo a vaidade das teologias sobre as bases da humanidade.



UMA LIÇÃO SEVERA

Os acontecimentos políticos dos últimos oito dias, em Portugal, são férteis em ensinamentos.

Subirá poucas semanas antes ao poder um ministério «fonista», o qual, mais pelos seus antecedentes do que pelos seus actos, tinha logo recolhido a antipatia e a hostilidade da maior parte do público e dos partidos adversos. «Novo reinado da formiga branca e das bombas» — dizia-se por todos os cantos.

Demais, para os partidos havia um sério motivo de oposição. Não admitindo a Constituição o direito presidencial de dissolver o parlamento, o partido que faça as eleições tem o poder garantido para sempre, cedendo-o de vez em quando a uma comidade, para o retomar mais tarde, quando acalmada a opinião... Aos partidos contrários resta apenas o recurso da rua, da agitação popular, da insurreição ou ameaça da insurreição, o que oferece os seus inconvenientes e perigos, sobretudo para partidos de esquerda e de governo. E como os políticos sabem melhor do que ninguém (cada um no seu ofício) o que vale a flicção eleitoral e parlamentar, o que significa «flicção» o acto eleitoral, «apressar ás eleições», «dirigir a consulta ao país», possuem razões de sobra para desconfiar uns dos outros.

Foi, pois, contra o ministério um combate sem tréguas, em que se distinguiram Brito Camacho, com a sua «União Republicana». O partido fonista não realizaria as eleições, asseverava Brito Camacho; como não enviaria a expedição militar ao teatro da guerra europeia, apesar da pressa que dizia ter e da sua aspera condenação dos vagares do ministério anterior. Porque, continuava o chefe unionista, os fonistas bem sabiam que as finanças portuguesas não permitiam a participação activa e directa na guerra europeia, nem a Inglaterra a pedir: o que eles desejavam apenas era a preparação para a guerra, com as relativas negociações.

E eis que surge a questão militar. Os fonistas proclamam a necessidade de tomar medidas contra os oficiais suspeitos, graças a uma «certeza moral», de desfeição pela República. E transferido um oficial e depois mais dois, que cumpriam uma comissão de protesto. A oficialidade dos regimentos de Lisboa fez então uma reclamação colectiva contra o que ela considera intervenção da formiga branca na vida do exército. O ministro não lhe dá ouvidos, e é então ao presidente da República que a corporação militar profissional resolve ir directamente, na manhã de 20.

Mas os primeiros oficiais que saíram, os dum regimento de cavalaria, são gestos. Altas personalidades pessoais percorrem os quartéis, garantindo que se trata dum tentativa de re-

tauração por parte dos oficiais monárquicos. O mesmo dizem as notas officiosas, que falam da entrada de conspiradores, realistas pela fronteira do Norte. Na provincia, os agentes do governo espalham idéntica versão, chegando um jornal fonista de Coimbra a fantasiar encarnações e demorados combates entre os rebeldes e as forças fiéis. Os jornais que começam a desmentir a versão oficial são suprimidos.

E como os oficiais, por esse país fora, principiam a solidarizar-se com os seus camaradas, é proibido á imprensa publicar as suas declarações.

A principio enganados pelas afirmações do governo, os oficiais mandam protestos de fidelidade ao regime; mas, logo informados pelos colegas de que se trata dum movimento de classe, quase todos se apressam a entregar a espada, a considerarem-se presos como os seus camaradas lisboetas! É a greve geral da profissão, perfeitamente caracterizada: abstenção do trabalho, motivos corporativos, lista de reivindicações — reintegração dos oficiais nos seus anteriores lugares, demissão do gerente, o ministro da guerra, desmentido solene da acusação de monarquismo e não menos solene retirada da portaria de lavour á formiga branca pelo emagamento da pretensa conspiração realista.

Uma greve geral de militares profissionais! Entretanto o governo, já demissionário, procura salvar-se. Na madrugada de 25, dois ministros vão ao palácio presidencial tentar arrancar um decreto de suspensão de garantias, pois iam dar-se graves acontecimentos. Ou isso, ou a sua imediata substituição — não podendo eles responsabilizar-se pela manutenção da ordem. O presidente escolheu a segunda ponta do dilema: foi no mesmo instant: nomeado ministro um só homem: o general Pimenta de Castro, já incumbido de constituir gabinete.

E voltou-se o feitiço contra o feiteiro. A ordem ia, com efeito, ser perturbada, mas pela formiga branca, sob o comando do governador civil fonista de Lisboa, e foi contra ella que os quartéis tinham estado e ficaram de prevenção, recusando cumprir ordens dos ministros demissionários, e é ella que, em bom número, contempla agora os acontecimentos através das grades das prisões!

Quantas lições a tirar de tudo isto!

A acusação de cumplicidade com os realistas foi em tempos vilmente jogada aos operários socialistas — e então os políticos não protestaram. Acharam bem que os trabalhadores fossem vencidos com armas legais e infames, que hoje se voltaram contra os compadres de ontem.

Depois outro objecto de irónica reflexão é o uso da greve, arma tam vituperada quando a manejam as mãos calosas dos obreiros.

Mas entre todas a lição mais severa é instructiva f.i o tram-bolho do partido fonista.

Muitas vezes lhe foi feita a fácil profecia: os partidos ou regimes que se notabilizam na perseguição ao operariado ou ao seu fermento activo e inteligente acabam em breve por se ver abandonados de todas as outras classes, mais interessadas, menos ardentes e menos idealistas do que o povo das fábricas e dos campos.

O partido fonista especializou-se no arregaço com que desceio os socialistas e arre-meteu contra o proletariado organizado.

Em 26 de janeiro de 1914 era derribado sobretudo pelos esforços operários; em 25 de janeiro de 1915, lançava o por terra a classe militar profissional. E vai-se sob as vultas, o desprezo ou a inilicência da grande maioria da opinião actuate de Lisboa e do país.

Svera lição — que aproveitará pouco aos governantes: e tanto pior para eles!

Nuno Vasco

Piherias clericais

Henrique Laveda, membro da Academia francesa, nada menos, escreveu a dos ao publico: «O Credo éna França, que é um modelo da graça» involuntária. Ora vejamos:

Creio na coragem dos nossos soldados, na sciencia e dedicação dos nossos chefes.

Creio na força do direito, na cruzada dos civilizados, na França eterna, impericel e necessária.

Creio no premio da dor e no merito da esperança.

Creio na confiança, no recolhimento, no bom trabalho cotidiano, na ordem, na cividade militante.

Creio no sangue da ferida e na água benta da pia, no fogo da artilheria e na chama do cirio, na conta do rosario.

Laveda, que não é soldado, creio no sangue da ferida e no fogo da artilheria por ouvir dizer: os soldados que estão nas trincheiras, esses é que acreditam a valer naquelles pontos de fé...

E também polido acreditar na água benta para se lavar as feridas, convenientemente purificadas com uma boa dose de desinfectante. A chama do cirio tambem poderá desempenhar excelente papel antiseptico.

O credo diz mais adiante:

Eu creio nos vetos sagrados dos vellos e na omnipotente ignorancia das crianças.

Creio na prece das mulheres, na heroica insonia da esposa, na calma piedosa das mães, na pureza da nossa causa, na gloria inculcada das nossas bandeiras.

Creio no nosso grande passado, no nosso grande presente, no nosso futuro ainda maior.

Creio nos vivos da patria e creio nos seus mortos.

Ve-se que não é nada sceptico. Decerto tambem creio no teijão, nas batatas, nas cebolas sal e podres, uras e cozidas, nos alhos e nos bugalhos, bem como nos bifos de grelha.

Mas ha mais:

Creio nas mils armadas de ferro e creio nas mils juntas.

Nisso são seus correligionários os salteadores da algarbia e das outras partes; juntam as mils diante das «Virgens» para que as mesmas mils armadas de ferro sejam bem sucedidas nas suas empresas.

E por fim:

Creio em nós. Creio em Deus.

Eu creio, eu creio.

Creio no diabo a quatro, o diabo do homem!

UM INTERESSANTE CONCURSO

Hereticos versajadores: a postos!

Por iniciativa do nosso bom correligionario Aristoteles Feliciano de Andrade Silva, residente em Alagoas, no estado da Bahia, damos hoje inicio a um novo concurso que, por certo, vai alcançar o mesmo successo do anterior.

Esta vez, porém, vão ficar a chuchar no dedo... de Santa Pulqueria todos aqueles que não souberem enfiar algumas linhas entadas pelos dedos.

Sim, senhores, somente os versajadores enforçados é que, desta feita, vão poder saltar para a arena da disputa diabolica.

Submetemos a concurso o mote seguinte, da lavra do nosso já mencionado compadre:

«Porque será que os mandões do fisco não tem o gosto de cobrar do padre imposto De industria e profissão?»

Ao melhor glossador será dada uma boa obra anticlerical.

As respostas serão recebidas até o dia 30 de abril, quando será encerrado o concurso.

A postos, portanto, senhores rimadores hereticos!

DE PARIS

As sopas populares

Quando em todos os campanários de França tocaram os sinos a rebate, anunciando a mobilização, paralizou-se a vida do país, immobilizaram-se as máquinas, as mãos soltaram a ferramenta, cerraram-se as oficinas.

Foi a tempestade das dores e das revoltas, os cantos entusiasticos e os soluços mesclados com os estorroados dos comboios, pulando ao longo dos trilhos. A medida que se esvaziavam cidades e campos, mordida uma angústia as estranhas da multidão. Se a invasão provocava a cólica e se deviam alegremente os que deviam repelli-la, os outros, sem trabalho, sem dinheiro, entretelhavam-se com ansiedade, e a mesma pergunta acudia a todos os lábios: «Comeremos amanhã?» Os mais optimistas abanavam a cabeça e diziam consigo: «Que atroz miséria vai pesar este inverno sobre a população laboriosa!».

Vieram os dias frios e mesmo os mais pessimistas são obrigados a reconhecer que a vaju de penúria anunciada está longe de ser tam terrivel como se previra. Sob o ponto de vista simplesmente material, é incontestável que a população operária não sofre em densidade com o período que atravessamos. Não faltam certamente miseráveis, mendigos, náufragos. Já em tempo de paz existiam e os mais dias lançavam-nos á rua tam lamentáveis como hoje. Não tenhamos em conta esta minoria excepcional, mas sim a grande massa popular.

UMA OBRA IMPORTANTE

Ja foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: "Historia da Inquisição na Idade Media", vertido para o portuguez pelo nosso camarada Dr. José Anticlerica.

Não é necessario insistir sobre o valor desta publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositório admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa adivinhar episodios eloquentes, aterradoros, da acção social da Igreja no concenrente a luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá a Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livres-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2500, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde ja, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

Envie-se 100 decetos envelopes franco de porte, a quem remeter a quantia de \$2000 a TUBA DOS SERTES, Rua Brigadoir Tobias, 44, 46 e 48 - S. PAULO.

IDA E VOLTA

Envie-se 100 decetos envelopes franco de porte, a quem remeter a quantia de \$2000 a TUBA DOS SERTES, Rua Brigadoir Tobias, 44, 46 e 48 - S. PAULO.



Biblioteca da "Lanterna,"

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias.

Algoria com o retrato de Francisco Ferrer, a 15000
Retratos de José Naves, cada um a 15000
Uma dúzia de postais anticlericais a 15000

EM PORTUGUEZ

- Luiz Bulh, "Greve de Vantres" a 200
- Brito Bitencourt, "Catecismo ateu" a 200
- José Rizal, "Noli me tangere" a 200
- Saturino Barbosa, "Estatuto da critica radical" a 200
- Estrela de "O Livro Pensador" a 200
- "Entre camponeses" a 200
- Nebo Vasco, "A Porta da Europa" a 2500
- "Giorgica" (ao trabalhador rural) a 100
- B. Peres Galdes, "Electra" (drama anticlerical em 5 actos) a 1000
- Mezra Botta, "O Papa Negro" a 200
- Carlos Dias, "Semeando para colher" a 200
- Guerra Junqueira, "A valhida do Padre" a 200
- Pedro Kropotkin, "O comunismo anarquista" a 200
- Chacon Scilliani, "Mentiras Divinas" (cartas aos crantes) a 1500
- Adolfo Lima, "O ensino da Historia" (1 to. de 63 pag.) a 200
- "O Teatro na Escola" a 200
- Relatório da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1º e 2º Congresso Operarios Brasileiros a 1000
- Cantos Sociais (diversos autores) a 1000
- Almanaque de "A Aurora", para 1913 a 200
- Almanaque de "O Livro Pensador" a 200
- Mario A. Paz de, "Giordano Bruno" a 200
- Pedro de Melo, "Sonho dantesco" a 200
- Domingos Zupata, "As 67 colheitas perguntas" a 200
- I. A. Bofelli, "O Livro da Verdade" a 200
- Jose Augusto de Castro, "Mensagem da morte" (Poems saty-jestuos) a 200
- Ex-padre Guilherme Dias, "O que é o colabito" a 200
- Nataniel Pereira, "A educação religiosa" a 200
- Engenheiro Pelletan, "A Inquisição" a 200
- Dr. N. Roubly, "O Sagrado corpo de Jesus" a 200
- Monsenhor Silvestre de Chateaufort, "O colabito" a 200
- Eliene Reclus, "Evangelio, Revoluçao e Ideal Anarquista" a 200

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
RUA SALDANHA MARINHO, 56
S. PAULO (BELEMZINHO)

Metodo de educação e instrução segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em prédio que reúne as condições exigidas pela hygiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscricao para o material e feita mediante a contribuição mensal de 3500 para os de carilhos e de 4500 para os mais adiantados.

Por parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atençaõ dos pais dos alunos para a obra de ensino e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respectivo professor, todos os meses, feiras escolares, comitivas de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos a recitativos

HORARIO

Aula diurna: das 11 as quatro horas da tarde.
Aos sábados a aula termina a uma hora ou duas da tarde, logo após a volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete as nove da noite, todos os dias, menos aos sábados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portu-gues, aritmetica, geografia, historia e principios de ciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a acceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos honrosos livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Pontes.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgão da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do país e publica informações, relatórios e notícias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda revolucionária. Ocupa-se tambem da vida obrreira internacional.

Condicoes de assinatura: 1 ano \$5000; 6 meses \$3000. Pagamentos, a 500 réis e exemplares gratuitos.

Endereço: CASA POSTAL, 1437 - Rio de Janeiro.

Gratua a subscrição de quem não possua um jornal antigo do país

A morte das ulceras

Com um especifico importante ora descoberto

— PELA —

COMP. CHIMICA TERAPEUTICA RADIUM

QUANDO? Hoje e sempre.
ONDE? Nas Pharmacias e Droguarias.
QUEM? "BANAT-PLACA".
QUE E ISTO? Pomada.
QUE FAZ? Cura qualquer chaga ou ferida.
SO? Assempbra com a cura aos que padecem dessas males.

E tudo mediante a importancia de \$3000

Agora é que a Europa curv-n-se ante o Brasil!!!

A pomada "BANAT-PLACA" cura radicalmente e com efficacia: chagas, bolhas, duritos, coximas e escorpiões churados, ou resacas e sejas altas as mais refractarias.

Analyzada e licenciada pela Directoria Geral de Sane Publica. Medicos, pharmaceuticos e particulares attestam espontaneamente sua efficacia. A mais bella das propagandas está sendo feita de uma forma invejavel pelas pessoas que a tem usado.

Evite as grosseiras imitações.

A venda em todas as pharmacias e droguarias.

Laboratorio: ESTACAO SAMPAIO (R. de F. Central)

Deposito Geral: 114, RUA URUGUAYANA, 114 (1. andar)

Companhia Chimica Therapeutica Radium

RIO DE JANEIRO (BRAZIL)

Depositorias no Estrangeiro: PARIS: Gaston Triot, 61

Rue de Provence. LONDRES: Brother Winstor & Co., 51 Percy

Street, W. S. - MILÃO: Giovanni & C., 45, Via Roma.

ENTRE CAMPONESES

de Erico Malatesta

Preço, livreiro porte do Correio

500 exemplares	60000
300	42000
100	14000
50	7000
Avulso	300

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não virem acompanhados das respectivas importancias.

Engenho Stamato

Com Cilindros sem engrenagem para moagem de canna, sem salvaguarda para evitar desastres. Privilegiado e patenteado com diversas melhorias de bronze, praça e ouro. Progressivamente melhor se esperando por esta variedade: 16 foram adquiridos por mais de 1400 fazendeiros que vivem a satisfação de não importarem machas. Inventor e fabricante

RAFAEL STAMATO

Filial: Rua de Carlos, 50 - Rio de Janeiro.

Fundição e Mecânica: Rua do Cavemestre, n. 17 - S. Paulo; 23139118

EM ESPANHOL

- Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento" a 2000
- Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo) a 2000
- Pey Ordiz, "El pueblo a la aristocracia" a 2000
- Ramon Chies, "A una madre" a 2000
- Pérvia, "La democracia y la Iglesia" a 2000
- Edmundo Gonzalez, "La libertad de enseñanza" a 2000
- Por varios autores, "Sonetos Piadosos" a 2000

EM FRANCEZ

- Jean Grave, "Si j'avais à parler aux électeurs" a 100
- André Girard et M. Pierrot, "Le parlamentarisme contre l'Action Ouvrière" a 100
- Pedro Kropotkin, "Le Salariat" a 200
- E. Malatesta, "Etre paysans" a 200

EM ITALIANO

- Romano di sua donna, "Angelo Longorotti" a 2000
- Alonso de Ambria, "L'Argentina e l'Immaginazione Italiana" a 2000
- Antonio Labriola, "Dal Socialismo" a 2000
- Gustavo Zibordi, "La historia de Federico" a 2000
- Um talco, "La politica eclesiastica in Italia" a 2000
- Giovanni de Nava, "Delinquenza e misticismo" a 2000
- P. Guarino, "Bola a scacchi" a 2000
- Luigi Casapologhi, "Azione sindacale" a 2000
- G. Sialvelli, "Il Primo Maggio nella letteratura" a 2000
- G. d'Amato, "Al ragazzo felice" a 2000
- Paul Adam, "Il figlio del prodigio" a 2000
- Francisco Pacci, "Il diritto de organizzarsi" a 2000
- E. Nodini, "Il pane gratuito" a 2000
- Maximo Gorki, "L'Inferno" a 2000
- Eliene Reclus, "I prodotti dell'industria" a 2000
- "I prodotti della terra" a 2000
- Loda Rafanelli, "Il madre italiana" a 2000
- Paul Lafargue, "Il diritto all'ozio" a 2000
- Dott. G. G. C., "Guerra all'alcool" a 2000
- G. Pomi, "Parole ai spogliati socialisti" a 2000
- Oreste Rio torti, "Polémica sull'Anarchia" a 2000
- Operai non bevuti" a 2000
- Pietro Kropotkin, "L'agricultura" a 2000
- B. De Amicis, "Il socialismo e l'egemonia" a 2000
- Consigli e morte" a 2000
- B. Vandervelde, "La città florita" a 2000

Escola Moderna N. 2

Ensino Nacionalista

Scientificas as familias que se acham interessadas no ensino da sua Officina, de a Escola Moderna n. 2, criada sob os auspícios do Comité por Escola Moderna.

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, a basear-se-ha na experimentação, nas affirmações scientificas e racionadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, consistirão de: - historia, geografia, geometria, aritmetica, grammatica, logica, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, anatomia, historia, de ensino.

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscricao de alunos ach-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa

A questão politica

A questão economica

1911-1915

Coleção de crônicas do novo colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo - que é o das crônicas do nosso colaborador neste jornal - apenas um stepa deste livro é que é constituído por alguns das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desentalhado para os nossos leitores.

Preço, livre de porte, 2\$500.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 82 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que foram lidas a effluio nos autos de Santo Officio. Folheto utilissimo e de boa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1800
50	8000
100	10000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

Coolho liquido Holey

E o melhor e a mais barata. Um cooler de coolho liquido para doçaria em litros de leite.

Vendas condicionadas: se não for melhor do que qualquer marca, o cliente no mercado socialista e vitorioso mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Antonio Perna, 34

Bello Horizonte

COLEÇÃO SOCIOLOGICA

- Costa Andre, "Um sogro" a 1000
- "O socialismo" a 1000
- Q. Monticelli, "Il primo giorno del socialismo" a 1000
- E. Giacchi, "Al contadino" a 1000
- Dott. Bial, "Il nostro legge" a 1000
- Dott. Bial, "Il socialismo per tutti" a 1000
- O. G. Viani, "Abbozzario dell'economia sociale" a 2000
- O. Renard, "Agli studenti" a 1000
- Leopoldo de Fazio, "Cantoso vegetale" a 2000
- G. Padoni, "Conferenze socialiste" a 2000
- B. Carlatonio, "La istituzione e la morale" a 1000
- Pearl e Cicotti, "Contro la marina militare" (discurso) a 2000
- "Per la riunione delle opere militari" a 2000
- Rosencott del 1º Congresso dei lavoratori della terra a 2000
- Avv. Emilio Bossi, "Gesù Cristo non è mai esistito" a 2000
- Almanacco della Rivoluzione (1909) a 1000

BIBLIOTECA DEMOCRATICA - Dirigida por Tomaz de Figueira

- 1. G. Andre, "Os jesuitas" broc. a 2000
- Saverio Merito, "Formas e essencias do socialismo" broc. a 2000
- II. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- III. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- IV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- V. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- VI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- VII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- VIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- IX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- X. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XL. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- XLIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- L. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXV. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXVIII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXIX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXX. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXXI. S. Morin, "A Confissão" broc. a 2000
- LXXXXXXXII. S. Morin, "A Confissão" broc. a 20